
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE

Revista
Didática Sistemática

SEMESTRAL

ISSN: 1809-3108

Volume 6, julho a dezembro de 2007

EXÓRDIO PARA O ESTUDO DA PEDAGOGIA LIBERTÁRIA EM RIO GRANDE

Francisco Furtado Gomes Riet Vargas*

RESUMO: Aborda a História da Pedagogia Libertária e suas implicações práticas com ênfase ao Estado do Rio Grande do Sul, no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Pedagogia Libertária; História da Educação; Anarquismo.

ABSTRACT: It approaches the History of Libertarian Pedagogy and its practical implications with emphasis to the State of Rio Grande do Sul, in Brazil.

KEYWORDS: Libertarian Pedagogy; History of Education; Anarchism.

*Em memória de meu pai,
Carlos Roberto Riet Vargas
(18/01/1947-11/08/2007)*

Esse artigo tem por objetivo a temática do anarquismo. Optamos por fazer uma análise sobre o que pensam os anarquistas com relação à educação. Quais suas críticas à pedagogia oficial, conforme William Godwin (1756-1836), oferecidas pela Igreja ou pelo Estado (GODWIN, 1990), e quais as suas propostas. Neste sentido vamos buscar estas respostas dentro da Pedagogia Libertária. Devemos destacar que a Pedagogia Libertária é uma construção histórica, uma proposta pedagógica em desenvolvimento, aberta aos novos

* Licenciado e bacharel em História pela Fundação Universidade Federal de Rio Grande. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas. Texto apresentado para conclusão da disciplina de História da Educação I. Funcionário do Colégio Estadual Lemos Junior. E-mail: chicaov@brturbo.com.br

contextos históricos e científicos. Desta forma, existem diferentes nuances no pensamento pedagógico libertário. Procuraremos identificá-las aqui neste breve artigo através da análise bibliográfica.

Para tal intento nos enquadraremos na História da Educação. Por História da Educação compreendemos a disciplina que abarca a educação como objeto de pesquisa histórico, observando as suas mudanças. Encontramos como campo, dentro desse trabalho, o estudo das idéias e movimentos educacionais e seu fazer no passado, no caso, a Pedagogia Libertária. Assim nos alocamos no campo de uma metodologia de trabalho mais tradicional, conforme Galvão e Lopes, dentro da História da Educação, pois estudaremos os grandes pensadores anarquistas e as práticas institucionais de educação dos anarquistas (2001:30), mas por outro lado, trabalharemos uma temática nova, pois as instituições as quais nos referimos aqui não são estatais e nem clericais, mas sim de um grupo ideológico que se encontra em ação na sociedade capitalista. Observaremos através da leitura de historiadores da educação, historiadores e de pedagogos que analisam a participação dos anarquistas que contribuem para a ciência educacional e sua inserção nos movimentos sociais, de forma a se tornar um movimento.

Destacamos a relevância e a necessidade de se estudar essa proposta educacional popular, que foi uma das primeiras desse cunho no Rio Grande do Sul e em Rio Grande. Enfatizamos que o único trabalho que estuda esse processo no Rio Grande do Sul é a dissertação de mestrado de Norma Corrêa, mas essa não faz uma análise mais precisa no movimento pedagógico libertário de Rio Grande, destacando o período que a escola da Sociedade União Operária de Rio Grande não está ainda sobre influencia anarquista, que acontece após 1924 (LONER:1999:215-219). Também merece ser sublinhado o trabalho de Elomar Tambara, o qual dedica uma parte de seu livro ao projeto educacional anarquista no Rio Grande do Sul (TAMBARA, 1995, pp.397-404).

Nesse artigo, primeiramente, faremos uma análise sobre o anarquismo apoiado sobre três autores clássicos desta ideologia: William Godwin (1756-1836), Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865) e Mikhail Bakunin (1814-1876). Nesta parte conceituaremos o anarquismo elaborando um esboço sobre suas concepções de sociedade, de mudança social e suas implicações na Educação. Num segundo tópico, realizaremos um estudo relativo à educação, de acordo com o pensamento anarquista. Para tanto perpetraremos vistas sobre autores anarquistas e alguns periódicos nacionais e locais, observando suas idéias sobre educação. Tal análise é preliminar, privilegiando os autores mais relevantes já citados.

No momento seguinte, buscaremos a Pedagogia Libertária já posta em prática. Para tal, veremos os movimentos pedagógicos anarquistas, as escolas, os centros de estudos, as universidades e suas ocorrências no mundo, no Brasil e no Rio Grande do Sul. Para evitar grandes delongas, destacaremos aqui as experiências mais importantes. Também teceremos considerações sobre a contribuição da Educação Libertária para a Pedagogia. Mostremos os potenciais de pesquisas sobre a História desta proposta pedagógica, ainda pouco explorada nos tempos atuais no Brasil. Silenciada, parcialmente, por duas ditaduras brutais que ocorreram durante o século XX nesse país¹: a Ditadura Getúlio Vargas (1930-1945) e a Ditadura Militar (1964-1984). Culminando com uma breve consideração final lapidando questionamento sobre a Educação Libertária e que se adaptem ao Brasil, mais especificamente ao Rio Grande do Sul.

1. Conceito de Anarquismo e Precusores Modernos

1.1. Anarquismo: Conceituação

Começamos por conceituar anarquismo desde o Dicionário Aurélio, como uma: *“Teoria política fundada na convicção de que todas as formas de governo interferem injustamente na liberdade individual, e que preconiza a substituição do Estado pela cooperação de grupos associados.”* (Anarquismo. In: FERREIRA, 1999). George Woodcock apresenta uma definição mais complexa, começando a abordar o estereótipo que a palavra anarquia tem no senso comum, como sendo frequentemente associada ao caos. Frequentemente os anarquistas têm sido confundidos, vulgarmente, com os niilistas, isso é, indivíduos amorais e incoerentes e capazes de atos terroristas. Mas Woodcock ressalta que existem raros casos de anarquistas realizando atos de violência durante a História, se comparados aos líderes militares e ao Estado (WOODCOCK, 1990, p.13).

A palavra anarquia deriva do grego: *an*, que significa sem; e *archon*, que significa governante. No sentido etimológico, anarquia significa sem governo. Portanto anarquismo seria a crença política que acredita que o Estado é um ente nocivo à sociedade, sendo esse a maior fonte dos males sociais, mantendo, além de sua própria dominação, a dominação econômica. As raízes do pensamento anarquista remetem à Grécia e a China Antiga, onde já

¹ Aqui destacamos os inúmeros militantes anarquistas perseguidos durante essas ditaduras, dos quais destacaremos dois. Exemplo disso é Frederico Kniestedt (1874-1947), que foi preso varias vezes durante o governo de Getúlio Vargas, inclusive por fazer propaganda anti-nazista (MARÇAL, João Batista. *Os anarquistas no Rio Grande do Sul*. EU/Porto Alegre, Porto Alegre: 1995, p.93). Outro exemplo disso é Venâncio Pastorini Sobrinho (1885-1966), que foi preso inúmeras vezes, incluindo durante o Golpe de 1964 (Ibidem, p.138).

havia pensadores que condenavam o Estado. Mas o anarquismo moderno começa a aparecer apenas no século XVIII (*Ibidem*, p. 14).

1.2. William Godwin (1756 - 1836)

Esse pensador inglês é oriundo de uma família de ministros anglicanos dissidentes e começa sua carreira como pastor rural. Acaba perdendo sua fé e tenta fundar uma escola, na qual não teve sucesso. Torna-se escritor profissional, tomando essa profissão até o fim de sua vida, vivendo na extrema pobreza. Sua grande obra é o *Inquérito Sobre Justiça Política*, uma crítica ao autoritarismo, que, segundo Woodcock, “é a primeira exposição completa sobre a doutrina anarquista” (1990:349). Também publica alguns trabalhos no *The Enquirer*. Casa-se com Mary Wollstonecraft, uma das primeiras defensoras dos direitos das mulheres, em 1797, que morre logo após dar a luz a uma filha². Além do destaque de Godwin entre os anarquistas, ele também foi um importante literato inglês, escrevendo a novela *Caleb Williams*, apreciada pela crítica até a atualidade (WOODCOCK, 1990, pp. 348-349).

Godwin condena, em seus escritos políticos, o Estado, colocando os males que esse faz para a sociedade (GODWIN, William. *Os Males de um Ensino Nacional*. In: WOODCOCK, 1990, p. 246). Ele, apesar de não usar o termo anarquista para se definir, possui um pensamento político que é uma base para o anarquismo moderno. Em seus escritos, já é possível notar-se alguns preceitos os quais serão utilizados posteriormente pela maioria dos pensadores anarquistas, entre eles destacamos a livre associação dos indivíduos, que apesar de ele não colocar nesses termos, está presente em seus escritos, pois, segundo ele, “(...) o desejo de justiça e a defesa de interesses mútuos têm o poder de unir os homens mais fortemente que qualquer pacto ou contrato assinado” (GODWIN, William. *A Dissolução do Governo*. In: WOODCOCK, 1990, p. 274).

Este autor libertário ainda cita sobre pactos entre as *paróquias*, que seriam nada mais do que os acordos federalistas (união entre cidades ou comunas), isto é, baseados naquelas mesmas associações que unem os indivíduos. Para ele, esses pactos teriam por base a justiça e a moderação (*Ibidem*, p. 275). Segundo Godwin, até as assembleias nacionais (o parlamento), a exemplo do que ocorreu na França, seriam maléficas à sociedade, pois presumem a unanimidade, pois ao povo resta acatar a decisão da maioria da assembleia. Assim sendo, o indivíduo seria usurpado de sua voz, perdendo dessa forma a sua energia natural contestatória (GODWIN, William. *A Dissolução do Governo*. In: WOODCOCK, 1990, p. 276). Tais

² Mary Shelley, importante escritora inglesa, autora de *Frankenstein*.

assembléias, para Godwin, só poderiam ser constituídas em ocasiões extraordinárias, ou talvez com apenas reuniões ordinárias anuais, e jamais cotidianamente (*Ibidem*, p. 279).

O voto no final das sessões das assembléias é outra coisa condenada por Godwin. Pois as discussões sobre sociedade para ele são salutares, levam ao “*desenvolvimento da inteligência e a capacidade de raciocínio*” e acabá-las com o voto no final de uma sessão, dá um novo significado a essas discussões, com o orador não mais tentando convencer os demais pelo raciocínio e sim pelos preconceitos. Além disso, os votos dão espaços à discussão de emendas a cada proposição, submetendo as assembléias aos interesses escusos das diferentes autoridades (*Ibidem*, p. 277-278). Enfim, para Godwin, o voto só deveria ser utilizado, em último caso, apenas quando a ocasião exigir (*Ibidem*, p. 279).

Cabe aqui acrescentar que William Godwin parte do princípio de Rousseau, no qual o homem é bom. Por isso, para ele, não haveria como a nova sociedade proposta por ele dar errado. Devido a isso ele coloca a desnecessidade de punições judiciais para criminosos, pois eles, sendo advertidos pela a sociedade, só lhes restariam escutar a voz da razão e arrepende-se de seus crimes. Assim, Godwin é fundador da idéia do abolicionismo penal, idéia tão cultivada entre os anarquistas hoje (*Ibidem*, p. 281). Godwin defende uma sociedade embasada na razão, onde um vizinho ensina os demais (*Ibidem*, p. 281). Nesse ponto a educação se torna essencial na nova sociedade, não necessariamente em sua forma institucional, mas sim não formal. Seguindo esse enfoque, Godwin também sublinha os males que a educação oficial faz à sociedade, pois o Estado e a Igreja se apóiam na educação para catequizar os indivíduos e controlá-los ideologicamente, induzindo aos preconceitos e deixando o indivíduo dependente do professor, preso a grilhões. Dessa forma, Godwin propõe uma educação pela vontade, desde a iniciativa pessoal. Observamos assim a importância que o processo educacional terá para os anarquistas. Godwin acaba lançando as primeiras bases para a educação libertária, as quais serão posteriormente melhor discutidas no decorrer do texto.

1.3. Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865)

O primeiro indivíduo a se intitular como anarquista é o francês Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865). Proudhon desenvolveu mais profundamente o pensamento anarquista moderno, discutindo entre outras coisas, economia, política, sociedade e educação (WOODCOCK, Vol. 1, 2002, p. 10). Proudhon era filho de camponeses, uma bolsa de estudos permitiu sua formação em uma pequena escola de sua cidade natal, mas precisou abandonar a escola e a formação no ensino médio, para trabalhar como tipógrafo e ajudar na

economia de sua família. Com a falência da tipografia, perambulou entre várias cidades, fazendo pequenos trabalhos gráficos. Com a influência de colegas da escola, ele conseguiu uma vaga como tipógrafo-chefe, fixando-se nesse emprego por vários anos. Durante este período tem a oportunidade de estudar, chegando a redigir uma gramática, pela qual recebe menção honrosa e uma indicação para uma bolsa no ensino superior, precisando para isso concluir o ensino médio, o que só consegue dois anos após. Proudhon inicia o ensino superior já maduro (GALLO, 1995b, p. 40).

Proudhon faz diversos cursos em Paris, além de estudar outros diversos assuntos como autodidata. Foi nesse momento que manteve contatos com socialistas e começou a desenvolver suas teorias sobre um modelo social sem governos, baseado no cooperativismo econômico e na liberação do crédito da agiotagem. Em 1840 publica *O Que é a Propriedade?*, onde se declara pela primeira vez anarquista, e, devido a isso, lhe é retirado a bolsa de estudo em 1841 (*Ibidem*, p. 40). O anarquista francês se vê obrigado a trabalhar em vários serviços, destacando-se os tipográficos, estudando em suas folgas. Posteriormente, trabalhou, de maneira mais estável, como representante de uma transportadora, o que lhe deu um tempo maior para seus estudos e para publicação de obras importantes (*Ibidem*, p. 40).

Posteriormente dedica-se cada vez mais aos movimentos sociais, tornando-se jornalista. Durante a Comuna de Paris, de 1848-9, tornou-se deputado na Assembléia Nacional e funda o Banco do Povo, demonstrando sua teoria sobre crédito livre, e editou jornais políticos, que lhe valeram uma temporada na prisão de Napoleão III. A experiência como deputado o leva a desilusão. Após a publicação de um livro que o levou novamente à corte judicial, desta vez na Bélgica. Ao regressar à Paris, suas críticas o tornaram um líder respeitado entre os operários tendo participado ativamente na criação da Primeira Internacional Socialista, de 1864 a 1876 (WOODCOCK, 1990, p. 354).

Silvio Gallo atribui a obra de Proudhon uma certa dificuldade acadêmica em seus textos, devido aos obstáculos existentes em sua vida. Sendo assim marcada por contradições, mas ao mesmo tempo pelas multiplicidades e um grande esforço de entender as injustiças para transformá-las (GALLO, 1995b, pp. 40-41). De maneira semelhante, Daniel Guérin apontou que Proudhon “*nunca se libertou inteiramente de sua formação cristã*” (PROUDHON, 1983, p.8), sendo considerado tanto por Guérin, quanto por George Woodcock, um “*homem de paradoxos*” (WOODCOCK, Vol. 1, 2002, p. 116).

Proudhon, em seus escritos, coloca o anarquismo dentro do pensamento socialista, defendendo o fim da propriedade privada dos meios de produção. Assim como Godwin, Proudhon vê os governos como uma deturpação da ordem natural. Para Proudhon a liberdade

é organizadora e a anarquia é o referencial articulado. A justiça para ele só é possível através do socialismo, da igualdade de condições sociais pelo homem. Coloca a política como a ciência da liberdade (PROUDHON, Pierre-Joseph. *O Nascimento da Anarquia: A Morte do Estado*. In: WOODCOCK, 1990, p. 64-65). Para tal intento Proudhon propõe a formação de cooperativas populares, como forma de os trabalhadores financiarem a construção da nova sociedade e se protegerem da exploração, se ajudando mutuamente. Essas cooperativas deveriam se federar, até a formação de uma grande cooperativa. Tal teoria é conhecida como a primeira vertente anarquista, intitulada de *mutualismo* (CORRÊA, 1987, p. 11).

O pensador francês em sua vasta obra, ainda faz discussões sobre o federalismo, assim como Godwin, nomeando esse modelo que ficará conhecido entre os anarquistas. Tal estrutura é similar a de Godwin, só que Proudhon não sugeriu federar apenas as unidades geográficas, mas também a cooperativas, expandindo o federalismo, para além de Godwin, introduzindo-o na economia (PROUDHON, 1983, p.114). Ainda, acrescentando ao pensamento de Godwin, Proudhon observou a necessidade de uma democracia direta e participativa, contrapondo-se a democracia representativa, visto que nesta última as pessoas abdicam de sua liberdade. Proudhon dá início ao conceito de auto-gestão³ como garantia de pluralidade (GALLO, 1995b, pp. 44-45). No que diz respeito à educação, Proudhon “(...) denuncia a função política educação em uma sociedade de exploração” (*Ibidem*, p.46), assim como também Godwin, identificando a educação praticada com o objetivo de perpetuar sociedade vigente. Tal orientação torna mais claras as proposições de Proudhon, quando destacou que a revolução não será obra de nenhum senhor (PROUDHON, 1983, p.116), mas sim, uma emancipação dos trabalhadores e como obra dos próprios trabalhadores (GALLO, 1995b, p. 44).

É possível notar em Proudhon, um *homem de paradoxos*, quando ele passa por mudanças de opinião a respeito da educação. Num primeiro momento veio defender a oferta pelo Estado aos trabalhadores de uma educação gratuita e de qualidade, que deveria ir além do mero ensino de noções básicas para que os trabalhadores pudessem exercer o ofício deles. Em um segundo momento, Proudhon percebeu que tal educação não era efetivamente gratuita, mas sim paga, só que não pelo Estado, mas pelos impostos já pagos pelos trabalhadores. Entretanto, quem melhor se aproveitava dessa educação eram, e continuam sendo, os ricos (DOMMANGET, 1974, p. 277). Aos poucos Proudhon observou que o Estado não educava ninguém, exceto as camadas destinadas a administrar futuramente a sociedade.

³ Modelo de gestão que se guia pela democracia direta e participativa, onde os membros interessados participam das resoluções daquela sociedade, cooperativa...

Observou que para uma educação de qualidade aos trabalhadores seria necessária uma mudança social (PROUDHON, 1983, pp. 67-68), pois não seria possível para o capitalismo educar os indivíduos que viriam oportunamente questioná-lo.

1.4. Mikhail Bakunin (1814 - 1876)

Oriundo de uma família de grandes proprietários de terras da Rússia. Seu pai possuía formação liberal, tendo estudado na França durante o período revolucionário, obtendo o título de Doutor em Filosofia. O liberalismo de Alexander Bakunin, pai de Mikhail, discípulo de Rosseau, norteou a educação de seus filhos, baseada no aprendizado de línguas, da história e no contato com a natureza (GALLO, 1995b, p. 63-64). Segundo Bakunin, o aprendizado do ensino religioso foi nulo, apesar das aulas de catecismo que teve com o padre da paróquia, pois foi indiferente a essas. Por outro lado, alguns de seus parentes por parte de mãe participaram da revolta decembrista de 1825 (WOODCOCK, 1990, p. 345), de caráter liberal.

Aos 14 anos Bakunin sai de casa para o serviço militar, onde forja uma doença para dar baixa. Apesar da influencia familiar, a revolta de Bakunin, começa apenas a partir de sua chegada a Moscou, onde toma contato com Nicolas Stankevish (1813-1840), difusor de Friedrich Hegel (1770-1831) na Rússia. E Alexander Herzen (1812-1870), divulgador das idéias do socialismo do conde de Saint-Simon (1760-1825), Charles Fourier (1772-1837) e Proudhon. Apesar da amizade com Herzen, que num primeiro momento foi meramente filosófica, baseada no hegelianismo de Stankevish, Herzen veio a ter inegável influencia de Herzen no seu futuro radicalismo político (GALLO, 1995b, pp. 64-65).

Em 1840, foi para Berlim estudar filosofia, objetivando ser professor na Universidade de Moscou, onde teve contato com Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895). Durante sua estadia na Alemanha, conhece Arnold Ruge (1802-1880), um hegeliano que se voltava para os problemas sociais. Bakunin iria revisitar o socialismo, teoria a qual não dera importância em seu contato com Herzen (*Ibidem*, p. 65). Em 1843, quando completara os seus estudos na Europa Ocidental, Bakunin se transformou de um especulador filosófico, em um revolucionário sob a influencia de Wilhelm Weitling (1808-1871) e Proudhon, vindo integrar o círculo de revolucionários e refugiados em Paris. Em 1848-9, participou ativamente das rebeliões que ocorreram em Paris, Praga e Dresden⁴. Foi preso na Saxônia e na Áustria e posteriormente foi entregue a policia czarista, começando-se assim um ciclo de prisões e fugas que vai marcar o resto de sua vida (*Ibidem*, p. 66).

⁴ Rebeliões de cunho socialistas.

Voltou a Europa, participando de uma revolta fracassada na Polônia, e, após o abandono parcial do pan-eslavismo⁵, desenvolveu suas teorias anarquistas e funda a organização secreta Aliança da Social Democracia (1868-1869). Em 1868, juntou-se a Internacional Socialista, liderando a corrente que se opunha a Marx, sendo expulso da mencionada Internacional em 1872, o que levou muitos correligionários de Bakunin, de vários países europeus, a saírem também da Internacional, fundando uma organização independente. Na década de 1870, tomou parte de algumas revoltas, por fim, morrendo em Berna, onde foi sepultado (WOODCOCK, 1990, p. 345-346). Bakunin, sem dúvida, foi um dos mais importantes expoentes do anarquismo moderno. Apesar de sua obra estar em grande parte dissolvida em textos escritos para jornais operários e panfletos, além de ter muitas obras inconclusas ou incompletas⁶. Porém, esses fragmentos, têm um grande alcance, refletindo sobre varias questões sociais, assim como Proudhon (GALLO, 1995b, p. 66).

Diferentemente de Proudhon, Bakunin pregava a formação de grupos revolucionários com um caráter transformador da sociedade, conforme podemos ver na Sociedade ou Fraternidade Internacional Revolucionária e também na Organização Secreta Revolucionária dos Irmãos Internacionais. No programa da primeira sociedade, Bakunin traçou além de bases de uma organização para mudança social, pretendendo ter aí as bases pra uma nova sociedade. Os pontos fundamentais para Bakunin são as federações e as confederações, sendo com esta base formada a nova sociedade socialista libertária. Em ambas as perspectivas de sociedades se podem ver as primeiras bases da formação dos partidos de esquerda (BAKUNIN, 1999, pp. 51-11 e 131-142).

Bakunin compartilha das críticas de Proudhon ao processo pedagógico capitalista, que separa a educação dos filhos da classe dominante para a administração, ou para o trabalho intelectual, e relega aos filhos dos operários a educação para o trabalho manual. E assim, o capitalismo reproduz a divisão de classes no próprio sistema educacional, perpetuando, através do domínio do conhecimento, o domínio econômico (GALLO, 1995b, pp. 68-69). No texto da Sociedade ou Fraternidade Internacional Revolucionária, Bakunin também deixa transparecer a sua visão de educação, assinalando que a sociedade deve tomar para si a obrigação de educar integralmente as crianças e os adolescentes, até que os mesmos estejam formados como homens de fato, aptos a valorização da liberdade social e ao trabalho, pois

⁵ Pensamento que prega a integração de todos povos eslavos como uma única nação.

⁶ Exemplo disto são uma série de livros publicados fazendo compilações de sua obra espalhadas e inconclusas: *Deus e o Estado* (na apresentação do livro Carlo Cafiero e Elisée Reclus comentam que as buscas pelo final do manuscrito foram em vão), *Princípio do Estado* (que é a publicação de algumas conferências feitas a operários).

assim estariam estimulados a contribuir com essa sociedade na expansão dos direitos e deveres de maneira equânime a todos (BAKUNIN, 1999, pp. 60 e 81).

Para Bakunin, o processo educativo e a revolução são processos conjuntos, isso é, as massas deverão ser educadas para a revolução e a revolução educará as massas. A educação não prepara a revolução, embora faça parte do processo revolucionário, transformando as visões de mundo. Segundo o autor russo, bem como Proudhon, não acreditavam que a revolução seria feita por uma vanguarda e portanto, homens e mulheres devem se conscientizar para realizar o intento revolucionário. À vanguarda apenas caberia o processo de plantar sementes, como a propaganda política; e ao povo, cabe germinar essas sementes (GALLO, 1995b, p. 67).

2. Idéias Pedagógicas Libertárias

2.1. Educação para que?

Uma questão que merece bastante atenção quando se fala de educação é: para que serve a educação? Conforme já apresentamos anteriormente neste artigo, de acordo com os pensadores libertários, a Pedagogia do Capitalismo deve encaminhar um processo de preparação para o mundo da submissão, oferecendo para os trabalhadores uma educação destinada ao trabalho manual. William Godwin enfatiza colocando que tal educação tem sido para *“inclinarse frente a qualquer homem que ostente um belo casaco”* (WOODCOCK, 1990, p.247), isso é, para ter indivíduos bem treinados prontos para se rebaixarem diante das injustiças e exploração das camadas dominantes da sociedade.

Essa mesma visão pedagógica capitalista, em seu discurso mais humanista, oferece a educação para cidadania, o indivíduo que tem seus direitos e cumpre seus deveres como cidadão. Essa educação limita o ser humano a participação das instâncias de dominação social proposta pelo Estado, propondo que só através delas se pode mudar. Mas o mesmo Godwin, ainda no século XVIII, faz a crítica onde o modelo de educação proposta pelo Estado é extremamente perigoso, pois busca legitimá-lo! Usar essa educação para seus propósitos, que não é o da liberdade humana, mas sim para a guerra do favorecimento de seus tutelados (WOODCOCK, 1990, p.249). Críticas similares à essas não se apresentam apenas por William Godwin, Proudhon ou Bakunin, mas também podemos ver inclusive em pedagogos brasileiros como o mineiro José Oiticica (1882-1957), um anarquista brasileiro do início do século XX. Para Oiticica a educação proposta que aí está, é baseada no preconceito e é similar

ao treinamento de militares, que não é para pensar, é feita com a força da repetição, sem demonstração de argumentos (GALLO, 1995b, pp. 33-34).

Outra visão pedagógica vai além como veremos, é aquela que defende a educação para liberdade. Tal proposta pedagógica é conhecida como a Pedagogia Libertária e tem, como já colocamos no tópico anterior, o próprio Godwin como um dos seus percussores. A educação para esse pedagogo, não é para impregnar a pessoa de maneira acrítica ao pensamento ocidental, como tem sido feito, mas sim para que possamos discutir os pensamentos, os pensadores e suas afirmativas para detectar as suas falhas (WOODCOCK, 1990, p.247). Dentro da Pedagogia Libertária, ou a *Pedagogia do Risco*, como coloca o professor da Unicamp, Silvio Gallo, a proposta é de uma educação que esteja comprometida não com um currículo, mas com meias verdades a serem apreendidas, decoradas... Essa Pedagogia se volta sim, para a capacidade do ser humano em aprender por si só e ser capaz de se dar conta que o conhecimento não é absoluto e imutável, mas que é passível de crítica e renovação (GALLO, 1995b, p. 36). É só através dessa proposta educacional que o anarquismo observa a possível construção de uma nova sociedade, justa e sem preconceito. Isso é, uma educação para a liberdade.

2.2. Qual a liberdade?

E o que vem a ser essa liberdade? Existem duas grandes correntes que definem essa palavra: a liberal e a libertária. Na liberal destacamos os autores clássicos como John Locke (1632-1704) e Jean-Jacques Rousseau (1712-1778). Para eles a liberdade está na natureza do homem, no ser humano em seu estado natural e a sociedade se achega para roubá-la. Segundo John Locke isso é positivo, pois assim ficamos longe das barbáries da liberdade arbitrária. Segundo ele, através do contrato social tem-se garantida a propriedade privada e as nossas vidas frente da incerteza da liberdade alheia. Já Rousseau não concorda com Locke. Para ele devemos voltar ao nosso estado de natureza, onde o homem bárbaro não dobra sua cabeça e não deixa a sua dignidade ser levada embora pela comodidade da civilização que tenta dominá-lo. Rousseau vai além e coloca que a *“renúncia da liberdade é a renúncia da qualidade de homem”* (Apud GALLO, 1995b, p.21).

De outro lado, com outro referencial de liberdade, aparecem os libertários, com o francês Pierre-Joseph Proudhon. Para ele, quanto mais simples o organismo, mais é regido pela necessidade; quanto mais complexo, mais é influenciado pela espontaneidade. Nesse sentido o ser humano seria o organismo mais repleto de espontaneidade, apesar deste não ser pura espontaneidade, pois também possui as suas necessidades (GALLO, 1995b, pp.21-22).

Para Proudhon há dois tipos de liberdade. Aquela experimentada pelos bárbaros, sem uma sociedade desenvolvida, pensando este que se basta em si mesmo. A outra seria a liberdade composta. Para Proudhon, a verdadeira que é vivida em sociedade. Essa liberdade é resultado da convergência de várias liberdades individuais que se complementam. Conseqüentemente, Proudhon se afasta de Rousseau e Locke, sublinhando que a liberdade real é a social, constituída pelo relacionamento autônomo e igualitário dos homens. Fora da sociedade a liberdade perde o seu referencial, sendo esta em sua plenitude, isolamento na perspectiva liberal.

Nesse sentido vemos que para Proudhon a liberdade e a solidariedade se equivalem, pois o máximo de sua liberdade é o máximo dos relacionamentos possíveis entre seres humanos em ajuda mútua. Assim Proudhon renega a máxima popular a que afirma que a liberdade de um indivíduo acaba onde começa a do outro, afirmando que as duas liberdades começam juntas, pois liberdade é comunhão e não isolamento.

Outro libertário, Mikhail Bakunin, leva adiante a concepção de Proudhon. Bakunin afirma que na natureza não existe a liberdade, pois o homem é servo de suas necessidades imediatas e das demais forças da natureza. Mas apenas com a fundação da cultura e da sociedade são capazes de começar a fundar a liberdade, sendo para o autor, ao contrário do que os liberais pensam. A liberdade é o ponto de chegada, e não de partida.

Bakunin coloca que os liberais pretendem que a liberdade seja anterior a sociedade, sendo assim, o homem seria livre antes sequer de ser homem. Para ele, isso é um equívoco, pois a liberdade é uma via de mão dupla: quanto mais o homem se humaniza, mais livre ele é, e quanto mais livre ele é, mais humano fica (BAKUNIN, Vol. 2, 1990, pp. 9-10).

Para Bakunin, assim como para Proudhon, o máximo da liberdade é quando todos os indivíduos forem livres, pois o homem isolado não pode ter consciência de sua liberdade, pois liberdade necessita de reflexão mútua, não de exclusão. Bakunin avança, destacando que a escravidão do homem é um processo de animalidade, pois nega a humanidade do outro e por conseqüência a sua. Sendo assim, o direito humano consiste em não obedecer a nenhum outro homem e ter a liberdade de fazer os seus acordos livremente, por suas próprias convicções assim como àquelas de todos os demais (BAKUNIN, 1999, pp. 47-48).

Avançando esse escritor russo põe em relevo que tal liberdade não seria possível em uma sociedade de classes como o capitalismo, em suas mais diversas formas, desde as mais liberais até o capitalismo de Estado (similar o presenciado no leste Europeu, durante quase todo o século XX e na China e em Cuba ainda hoje, sobre o nome de “socialismo”). Nesse sentido ele destaca que onde não existem condições de liberdade no reino da necessidade,

onde a maioria da população precisa vender sua força de trabalho pelo menor preço possível ao um capitalista, sempre se terá escravos em nome da privação do básico: trabalho, moradia, educação, saúde, segurança, transporte (GALLO, 1995b, p.26)...

2.3. Nuances da Pedagogia Libertária

Apesar dessa discussão sobre liberdade, algumas concepções da Pedagogia Libertária ainda estão ligadas ao conceito de liberdade rousseauiana. Nesse modelo de pensar, o homem seria bom em essência e a sociedade é o que vem corrompê-lo. Para evitar a corrupção pela sociedade, a intervenção do professor deveria ser mínima, assim, optando pelo que chamamos de uma Pedagogia Não-Diretiva. Tal concepção pedagógica trata a criança como um adulto em miniatura, e não como um homem em desenvolvimento (LIPIANSKY, 1999, pp. 12-13).

Por outro lado, colocamos a concepção de Charles Fourier (1772-1837), onde a educação é o marco na Pedagogia Libertária, desde uma concepção de educação diretiva isso é, com uma maior intervenção do professor junto aos seus educandos. Devemos ter claro que essa concepção não se defende o autoritarismo dentro da sala de aula, mas sim a noção de dar uma direção à natureza da criança. Victor Considerant, discípulo de Fourier, define muito bem essa proposta pedagógica, criticando a Pedagogia Autoritária, quando coloca que:

Entravais a natureza, colocais diques nos riachos e vos surpreende com que a natureza rompa os obstáculos, que o riacho arraste os dique! (...) Abri-lhe um bom e livre curso, utilizai sua força e sua velocidade, usai suas águas, e ele se tornará fonte de riqueza em vez de ser instrumentos de dano. (Ibidem, p. 14)

Dessa forma, temos os dois principais extremos dentro da Pedagogia Libertária e entre essas posições perambulam as diferentes concepções teóricas de educação na Pedagogia Anarquista. Não podemos puramente separar os pedagogos libertários em duas facções: os diretivos e não-diretivos, pois estaríamos simplificando demasiadamente uma questão de nuances complexas, que não é meramente classificatória. Nesse sentido, demonstraremos nos parágrafos posteriores apenas algumas especulações sobre os autores que trabalhamos, colocando em quais momentos a sua reflexão pedagógica ou prática se aproxima mais da diretiva ou da não-diretiva.

Outra discussão dentro da Educação Libertária é se a educação é a revolução em si ou faz parte do processo revolucionário, junto com outras variáveis. A primeira tendência citada, a corrente 'educacionista', a qual acredita que apenas pelo o processo de transformações no

pensar, sem a necessidade de intervir na economia e na política diretamente, se faz a construção da nova sociedade. Já a outra corrente, a ‘não-educacionista’, acredita que o processo de transformação social passa também pela educação, mas não se resume a ela, acreditando na intervenção dos anarquistas em outros processos de nossa sociedade: nos sindicatos, nas alternativas econômicas, entre outras.

2.4. Educação para a Liberdade

Em todos os três autores que estudamos, além de não serem ‘educacionistas’, encontramos uma forte tendência fourieriana, isso é, defendendo uma intervenção do professor. Mas em determinados momentos observaremos também a essência da liberdade na educação.

Primeiramente começaremos a observar o pensamento de Godwin. Esse autor, ao tecer grandes críticas à educação fornecida pelo Estado, defende a educação pela vontade. Em sua proposta pedagógica observa a liberdade como a maior das vantagens que podemos ter. Para tanto, ele defende que a transmissão de conhecimento é um processo que deve ser feito “*sem infringir, ou tentando violentar o menos possível, a vontade e o julgamento da pessoa a ser instruída*” (GODWIN, William. *Educação pela Vontade*. In: WOODCOCK, 1990, p. 250).

Para isso, Godwin, defende a educação pela vontade, isso é, ao professor cabe a tarefa e despertar e incentivar o desejo do educando de aprender. Nesse processo, Godwin coloca a necessidade de entender os motivos da aprendizagem, que são divididos em intrínsecos, aqueles provenientes do próprio objeto a ser estudado, e os extrínsecos advindos desde o interesse do educando ou até pela persuasão. De acordo com Godwin, o primeiro motivo é o melhor para o educando utilizar, pois quando ele escolhe o objeto de estudo por vontade própria, ele se mostra um homem independente. Godwin revela seu conceito de educação quando coloca:

É provável que não exista nada suficientemente importante que mereça ser aprendido por uma criança. O verdadeiro objetivo da educação juvenil é fazer com que (...) o jovem seja dotado de uma mente regulada, ativa e pronta para aprender. Qualquer coisa capaz de inspirar hábitos de trabalho e observação será capaz de satisfazer a estes propósitos. (Ibidem, pp. 250-251)

Godwin alerta que estudar pela vontade é uma atividade e que sem esta vontade é apenas uma caricatura da atividade. Para tanto, não podemos deixar que a nossa pressa de ensinar nos faça esquecer dos verdadeiros objetivos da educação. De acordo com esse autor, o melhor método de ensino precisa ser precedido de prática, com o intuito de criar a curiosidade

sobre o assunto, e o pior é o medo e a coação. Mas haveria entre esses dois um outro método, sem a excelência intrínseca de interesse no primeiro, sem a violência do segundo: a vontade nos atrativos que o professor anexou ao objeto a ser estudado. Isso é, o professor deve incentivar o desejo pelo conhecimento através de atrativos e depois se tornar um facilitador para a aquisição desse mesmo conhecimento, removendo os obstáculos na aquisição deste saber quando achar necessário. Assim, Godwin propõe uma completa mudança no processo educacional de sua época, a ponto de colocar a remoção na educação dos “*personagens mais indispensáveis: aluno e mestre*”, revelando a independência e a igualdade. Sendo assim o menino, bem como o homem não deixará de consultar sempre que necessário alguém que saiba mais do que ele quando assim precisar (*Ibidem*, p. 251).

As vantagens desse método, de acordo com Godwin são três: a liberdade, acabando com as limitações da juventude; a capacidade de julgar, que seria fortalecida e criando discussões entre os colegas de estudos e o autodidatismo, isso é, a capacidade de estudar sozinho, é o método mais correto pra aquisição de conhecimento. Além do mais, tal método criaria homens que teriam amor pela leitura (GODWIN, William. *Educação pela Vontade*. In: WOODCOCK, 1990, p. 252).

O outro autor trabalhado, Pierre-Joseph Proudhon, observa a educação dentro da perspectiva da reconciliação entre trabalho manual e intelectual. Proudhon coloca que tanto em um, como no outro, o homem deve proceder da mesma maneira, pela análise e síntese. Proudhon, em suas preocupações com a educação, coloca que a pobreza é uma das maiores causas da evasão escolar, devido a família necessitar do trabalho da criança, fenômeno que ele próprio viveu. Devido à essa questão, para Proudhon, é impossível uma Educação Popular no capitalismo. Diante disto, Proudhon insistiu na necessidade da recriação da instrução pública na nova sociedade. Ele acredita que o local de aprendizado seja o mesmo local de trabalho: “*a escola da agricultura é a agricultura; a escola das artes, profissões e manufaturas são a oficina; a escola do comércio é o balcão; a escola da navegação é o navio, etc.*” O libertário propõe as *politécnicas de aprendizagem*, isso é, instrução literária e científica associada à instrução industrial (PROUDHON, 1983, 56).

Proudhon, assim como Godwin, sugere a educação aliada a prática. Mas Proudhon vai além, desenvolvendo mais a Educação Libertária, aliando a aprendizagem ao trabalho. Bakunin recordou que a criança não pertence a ninguém, senão a si mesma e a sua futura liberdade. Sendo potencialmente livre, tem em seus pais a tutela natural, mas a tutela legal é a da sociedade, tendo essa o direito e dever de tomar conta delas, pois da sociedade depende o

futuro das crianças. Sendo só concebida a liberdade àqueles maiores com condições de supervisionarem os menores.

Para Bakunin a escola tem a função de emancipar o indivíduo, pois como já foi dito anteriormente para esse autor o ser humano não nasce livre, pois a liberdade para ele é social, e não individual. Ele defende que o ser humano só se torna pleno, após o processo educacional e devido a isso, só quando educado é capaz de gozar de sua liberdade coletiva e admirá-la. Para tal, Bakunin recomenda a educação como *integral*, isso é, que eduque não só a mente, o seu espírito e a sua vontade, mas também a capacidade física. E essa educação teria como objetivo primeiro o de formar homens, depois operários especializados. Assim, após as primeiras letras, a instrução primária e secundária, os jovens poderiam escolher uma escola superior ou técnica, assim como aponta Proudhon, deve ser uma escola-oficina (BAKUNIN, 1999, pp. 107-108). Desta maneira temos uma breve compreensão relativa às idéias das pedagogias libertárias, as quais veremos como foram aplicadas.

3. Movimentos Pedagógicos Libertários no Mundo e no Brasil

Embora as discussões sobre educação no anarquismo moderno serem uma constante desde seus primórdios, a partir do início do século XIX, foi apenas em 1880 vai ocorrer à primeira experiência de educação libertária propriamente dita. Mas antes podemos já falar sobre na Escola Iasnaia-Poliana, liderada por Leon Tolstoi (1828-1910). Apesar de Tolstoi não se intitular anarquista, devido a ligação com a violência que muitos anarquistas possuíam, posicionamos Tolstoi dentro do eixo da educação libertárias em função das suas constantes críticas ao Estado e as classes dominantes.

3.1. Escola Iasnaia-Poliana

A escola foi fundada pelo próprio Tolstoi em suas terras em 1858, dedicada aos filhos de camponeses (LIPIANSKY, 1999, p. 29). Essa escola caracteriza-se por ser livre da coação e da violência, tendo atuado como se fosse uma família (Michael Smith *Apud* CORRÊA, 1987, p. 32). Segundo Norma Elizabeth Corrêa, ela se inseriria no ideário da educação libertária por não haver nenhuma autoridade, que não a vontade e a consciência do indivíduo. Apesar de haver nessa escola a instrução religiosa (CORRÊA, 1987, pp. 31-32).

Tolstoi procurava em sua experiência pedagógica, estimular a curiosidade infantil tornando a criança responsável pelo seu próprio aprendizado, assim como propunha Godwin. As críticas formuladas por Tolstoi ao modelo de educação oficial são similares às críticas dos

precursores do anarquismo anteriormente citados, apontam que ela trabalha para os governos e para as classes superiores. Destacamos a co-educação dos sexos, isso é, meninos e meninas cursavam as mesmas salas de aula, uma prática inovadora da pedagogia libertária, não aceita ainda no século XIX e vagarosamente adotada no século XX (LIPIANSKY, 1999, p. 31).

3.2. Orfanato Prévost

Outra experiência libertária na educação que merece destaque é a de Paul Robin (1937-1912), no Orfanato Prévost, em Cempuis, na França (GALLO, 1995a, p. 177). Paul Robin era um anarquista rebelde dentro do próprio anarquismo, segundo Maurice Dommanget (DOMMANGET, 1974, p. 365), o qual foi ligado a Internacional e amigo de Bakunin. Aderiu ao anarquismo durante a polêmica entre Marx e Bakunin na Internacional, quando é retirado por Marx da Secretaria do Conselho Geral da Associação Internacional dos Trabalhadores (CORRÊA, 1987, p. 36; DOMMANGET, 1974, p. 369; e GALLO, 1995b, p. 89).

Em 1879, Robin torna-se inspetor de ensino primário em Blois e em 1880 foi oferecida a ele a direção do ‘Orfanato de Cempuis’, com a garantia de liberdade para a aplicação de suas idéias. Em Cempuis durante a administração de Robin, as crianças passavam a maior parte de seu tempo ao ar livre, praticando esportes. Até os 13 anos elas ficavam mudando de uma oficina para a outra, modelo emprestado de Fourier. A partir desta idade, começam a se especializar, estudos teóricos, sempre são antecedidos pelas práticas, conforme propunha Godwin, através do uso das várias oficinas que Cempuis possuía como: fazenda, oficina de sapatos entre outras, e destas que viriam as curiosidades que seriam trabalhadas na sala de aula (LIPIANSKY, 1999, pp. 36-37). Tal experiência, apesar do grande sucesso, suscitou muitos ataques, principalmente vindos de católicos e conservadores, que acusavam o sistema de co-educação dos sexos como “*pornográfico*” (*Ibidem*, p.37). Robin foi perseguido e, em 1894, cede às pressões, se demitindo de Cempuis após 14 anos. O exemplo de Robin inspirou outras várias experiências de educação libertária como: “*La Ruche*”, liderada por Sebastian Faure (1858-1942), e a Escola Moderna, inspirada por Francisco Ferrer y Guardia (1849-1909).

3.3. Escola Moderna ou Escola Racionalista

Talvez a mais marcante e mais conhecida e divulgada das propostas de educação libertária é a Escola Moderna ou Escola Racionalista. Esse movimento pedagógico começa com Francisco Ferrer, em 1901. Ferrer era um republicano desiludido e um anticlerical que

acaba por se associar com os anarquistas montando sobre a influência dos ideais libertários e com a ajuda dos anarquistas de Barcelona, a Escola Moderna.

Apesar de Ferrer não ter se reivindicado anarquista, conviveu durante vários períodos com os anarquistas, tanto na Espanha, como durante seus períodos no exílio, onde teve contato com a experiência de Robin, e devido a isto, a influência desse pensamento em sua proposta pedagógica é bem clara (LIPIANSKY, 1999, p. 39). Entre as propostas pedagógicas que Ferrer coloca, estão: a co-educação entre os sexos, a não existência de prêmios ou castigos nas escolas, o modelo da educação integral, isso é, moral, intelectual e física (FERRER Y GUARDIA, 27/03/2005).

Ferrer também passa por problemas similares a Paul Robin. E em 1909, devido a seu envolvimento com Mateo Morral (1880-1906)⁷, foi preso e executado sobre a acusação de ter incentivado a *Semana Trágica*, uma revolta anticlerical que houve em 1909 em Barcelona. Apesar da execução de Ferrer, as escolas modernas se espalharam, não só pela Espanha mas por vários países do mundo, incluindo o Brasil, conforme veremos posteriormente (Francisco Ferrer. In: *WIKIPÉDIA*, 18/12/2006).

3.4. *La Ruche*

Outra experiência de educação libertária foi “*La Ruche*”, liderada por Sebastian Faure. Em sua experiência Faure reúne um grupo de aproximadamente 40 a 50 jovens órfãos, num ambiente familiar. Nesta comunidade ele tenta uma auto-suficiência além da formação politécnica. Faure tenta uma experiência por um lado rousseauniana, ao tentar afastar os jovens para uma comunidade isolada auto-suficiente. Por outro lado, Faure enxergava que tal isolamento era impossível, e *La Ruche* oferecia serviços para fora. Na experiência de Faure, assim como a de Robin, estariam entre o ‘não-diretívismo’ e uma educação centrada no professor (GALLO, 1995a, pp. 1184-186). Conforme afirmamos anteriormente, esta fronteira entre ‘diretívismo’ e ‘não-diretívismo’ não são linhas aonde poderíamos classificar as experiências pedagógicas libertárias, mas algumas tendiam a se aproximar ou afastar-se mais de uma ou outra definição. Em *La Ruche*, foi utilizado um modelo de autogestão, no qual os educandos, conforme suas idades iam avançando, assumiam maiores responsabilidades, como cuidar dos mais novos e participavam das tomadas de decisões na assembléia (CORRÊA, 1987, pp. 41-42).

⁷ Foi tradutor e bibliotecário de sua escola e, em 1906, atentou contra a vida do monarca espanhol Alfonso XIII.

3.5. Experiências no Brasil e Rio Grande do Sul

No Brasil, também houve vários movimentos pedagógicos libertários. Desses movimentos destaca-se sobretudo, a influência do movimento pedagógico racionalista fundado por Ferrer. São inúmeras as escolas racionalistas criadas pelos anarquistas no Brasil no início do século XX. Ocorreram também vários núcleos de estudos racionalistas, duas universidades populares, uma no Rio de Janeiro (RODRIGUES, 20/11/2006) e outra em São Paulo (*Escola Moderna*. In: *WIKIPEDIA*, 01/12/2006). Cabe destacarmos que Jaun Mas y Py, um dos responsáveis pela universidade popular do Rio de Janeiro, esteve alguns anos em Bagé publicando no jornal *A Evolução*, em 1902 (*A Evolução*, 16/02/1902, p. 01).

Além das escolas racionalistas no Brasil, destacamos suas propostas no território gaúcho, visto que estas propostas ocorreram em algumas das cidades de características industriais do Estado como: Rio Grande e Porto Alegre, apesar das medidas das classes dominantes gaúchas contra essas escolas, das lutas internas dentro do movimento operário gaúcho entre anarquistas e socialistas e, principalmente, a problemática da classe operária ainda ser emergente no Rio Grande do Sul. Todos esses fatores geraram uma grande dificuldade para a estruturação dessas escolas, tendo elas pouco tempo de existência. É importante “*resgatar o perigo potencial que os projetos populares acarretavam aos interesses da classe dominante*” (TAMBARA, 1995, p. 395)

Em Porto Alegre aponta-se a Escola Eliseu Reclus (1906), a Escola Moderna (1916) e a Sociedade Pró-Ensino Racionalista (1923). Essas duas escolas e a sociedade contaram com a participação do militante anarquista Polydoro Santos (1881-1924). Tal militante, conforme afirma Norma Elizabeth Corrêa, era tido pela imprensa operária como um hábil orador de conhecimento notável (CORREA, 1987, pp. 55-57). Além disso, Polydoro também lecionou. Escreveu matérias sobre a educação racionalista em muitos jornais, propôs inclusive a publicação de trabalhos de Sebastian Faure e Francisco Ferrer. A morte de Polydoro causa grande comoção no meio anarquista como é possível notar tanto nos textos de João Batista Marçal como em Norma Elizabeth Corrêa.

Uma das mais antigas escolas operárias sul-rio-grandenses é o Colégio da Sociedade União Operária de Rio Grande. Tal escola não possui caráter libertário, ao menos em seu princípio, sendo colocada pela professora Beatriz Ana Loner, como uma entidade com uma diretoria burocrática (LONER, 1999, p. 197). Apenas em 1925 muda a orientação da diretoria dessa entidade, passando a ser liderada pelos anarquistas, mas não se têm maiores dados do que ocorre com a escola durante esse período. Os dados que foram possíveis arrecadar pela

bibliografia é apenas que a Sociedade União Operária mediante a esta nova orientação, passa a ser considerada uma entidade educacional (*Ibidem*, pp.217-218).

Caberia aqui uma maior investigação das fontes para sabermos se durante esse período sobre orientação libertária da Sociedade União Operária houve alguma mudança no modelo pedagógico adotado pela sua escola. Para isso faz-se necessário um estudo mais rigoroso nas atas da referida sociedade que se encontram no Centro de Documentação Histórica da Fundação Universidade do Rio Grande. Também merece destaque o acervo da biblioteca da Sociedade União Operária, nos possibilitando, o que Lopes e Galvão colocam como uma história da leitura (2001, p. 56). Por outro lado, devemos dizer que com base no jornal *O Nosso Verbo*, já é possível nós termos dicas nesse sentido,. Tal jornal em seu 13º número, critica o modelo autoritário de educação adotado durante a Revolução Russa (24/11/1920, p. 5). No mesmo informativo na sua 12ª edição, é citada a existência do Centro de Estudos Racionalistas Veritas (16/9/1920, p. 4).

Desta forma temos um breve panorama sobre o alcance da pedagogia libertária, não só no mundo, como no Brasil e mais especificamente no Rio Grande do Sul.

3.6. Contribuições da Pedagogia Libertária

Entre as contribuições da proposta pedagógica libertária, destacamos primeiramente a co-educação entre os sexos. Tal proposta veio ser empregada de forma quase inovadora no mundo assim como no Brasil por esse pensamento pedagógico. Essa sugestão, como já observamos anteriormente, causou grande furor dos setores conservadores da sociedade, mas com o tempo foi adotada por quase todos os estabelecimentos de ensino existentes. Entre os conservadores as escolas religiosas, setor esse responsável pela ampla crítica a essa proposta no fim do século XIX e começo do XX.

Outra proposta implementada pelos anarquistas foi o fim das punições e premiações. As punições físicas, muito freqüentemente adotadas no ensino em geral, foram aos poucos abolidas nos estabelecimentos de ensino durante o século XX. Existem alguns pensamentos pedagógicos como o do próprio Rousseau (ROUSSEAU, 30/12/2005, p. 70), que já condenava a idéia do castigo físico, mas tal proposta só foi colocada em prática em larga escala pelo pensamento pedagógico libertário. Existem outros processos punitivos até hoje adotados como o critério da nota. Tal processo gera o que Cipriano Luckesi chama de *pedagogia do exame*. Essa crítica a esses modelos de punição como o de recompensa já foram feitas pelos anarquistas, para os quais:

*Admitida e praticada a co-educação de meninos e meninas e ricos e pobres, é dizer, partindo da solidariedade, não havíamos de criar uma desigualdade nova, e, por tanto, na Escola Moderna não haveria prêmios, nem castigos, nem exames em que houvera alunos ensobrecidos com a nota de sobressalente, médios que se conformaram com a vulgaríssima nota de aprovados nem infelizes que sofreriam o opróbrio de verse depreciado por incapazes.*⁸ (FERRER Y GUARDIA, 27/03/2005)

Essa frase de Ferrer coloca outra questão, proposta pela pedagogia libertária, mas que hoje não vemos sendo posta em prática devido às desigualdades sociais existentes, é a co-educação entre as classes. Tal questão ocorre devido às famílias mais abastadas colocarem, de praxe seus filhos em escolas privadas, tentando evitar assim as greves do magistério, freqüentes no setor público de ensino, em função dos baixos salários, assim como o sucateamento dessas escolas. Cabe destacar, um mote que a pedagogia libertária propunha, que foi o laicismo na educação, ainda não é plenamente adotado no Brasil. Tal proposta, defendida pelos anarquistas e outros pedagogos e executada em vários países, ainda é adotada com base na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (BRASIL, 23/05/2005).

Também devemos à pedagogia anarquista a primeira visão de educação de caráter emancipatório e socialista no Brasil. Tal proposta pedagógica antecede em muitos anos as propostas de Paulo Freire, posteriormente tão defendidas nos meios acadêmicos, destacando-se a área da educação. Ainda destacamos que o pensamento anarquista precede em anos também às críticas feitas por filósofos como Althusser, Foucault, Deleuze... sobre a educação e seu caráter disciplinador. Tal crítica já se apresentava em fins do século XVIII com William Godwin, sendo posteriormente aprofundada por vários pensadores libertários como Proudhon e Bakunin, conforme podemos ver no livro *Educação Anarquista*, de Silvio Gallo (GALLO, 1995A, pp. 57-61).

Por fim, observamos uma pequena amostra da contribuição da educação libertária para a pedagogia como ciência. Tal proposta também teve importantes repercussões no pensamento pedagógico brasileiro, por mais que hoje tenha sido praticamente esquecida por vários pedagogos (*Ibidem*, p. 17).

⁸ Tradução de autoria de Francisco F. G. R. Vargas: “*Admitida y practicada la coeducación de niñas y niños y ricos y pobres, es decir, partiendo de la solidaridad y de la igualdad, no habíamos de crear una desigualdad nueva, y, por tanto, en la Escuela Moderna no habría premios, ni castigos, ni exámenes en que hubiera alumnos ensobrecidos con la nota de sobresaliente, medianías que se conformaran con la vulgarísima nota de aprobados ni infelices que sufrieran el oprobio de verse despreciados por incapaces.*”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicialmente destacamos a discussão sobre o termo anarquismo e a anarquia, onde observamos que o conceito tem um estereótipo ligado ao caos, a desordem e ao niilismo, o que afirmamos ser uma concepção equivocada.

Observamos as idéias de três expoentes anarquistas: William Godwin, Pierre-Joseph Proudhon e Mikhail Bakunin, conforme foram se sucedendo no tempo aprofundam a discussão de um para o outro, sobre a sociedade sem Estado. Godwin propôs uma sociedade de iguais, sem Estado e anuncia conceitos básicos do anarquismo, apesar de não empregar a terminologia que depois irá se consagrar entre os anarquistas. O mesmo autor vê o papel fundamental da educação, tanto para manutenção do *status quo*, como para a própria mudança social. De Pierre-Joseph Proudhon tivemos o aprofundamento de questões trabalhadas por Godwin, o próprio momento favoreceu um estudo mais minucioso das questões anarquistas, tendo em vista a França conturbada onde Proudhon viveu ativamente. Assim como Godwin, Proudhon também viu a educação como essencial, fazendo críticas às práticas educativas vigentes e observando que é impossível a transformação social por essa educação sendo essa para transformar um ato possível somente como obra dos próprios trabalhadores. Bakunin aprofundou o pensamento de Proudhon, desenvolvendo uma discussão mais precisa onde percebe a importância da educação como um dever da sociedade para consigo mesma e para manter a liberdade.

Adiante afirmamos que a educação para os anarquistas serve para gestar o pensamento libertário o qual visa o processo educativo como processo de formação para liberdade. Essa liberdade não corresponde a liberal, na qual o homem só é livre ao nascer. Mas na liberdade social, na qual o viver em sociedade nos torna livre. Observamos que algumas concepções de educação libertárias ainda estão ligadas ao conceito rousseauiano ou fourieriano de educação, em maior ou menor grau. Mas nos autores estudados, a visão de educação se aproxima mais da fourieriana. Godwin estaria com uma proposta de educação mais ligada à vontade de aprender e ao professor caberia persuadir essa vontade, tornando atrativo o conhecimento, aliando a prática à teoria. Proudhon coloca o processo educativo dentro da perspectiva de reaproximação entre trabalho manual e intelectual, assim como Godwin. Proudhon, destaca a importância do educando viver a profissão como forma de aprendizado. Bakunin observa o fato da criança ser um indivíduo ainda em construção, por isso, é fundamental a educação para que gozem posteriormente de sua liberdade.

No terceiro tópico desenvolvido neste artigo, observamos como acontece a aplicação prática das idéias pedagógicas libertárias. Primeiramente destacamos a experiência da Escola

Iasnaia-Poliana, que liderada por Leon Tolstói, se constitui numa experiência que segue a maior partes dos preceitos de educação anunciados pelos primeiros teóricos do anarquismo. Esta escola está amparada na tradição de uma educação protolibertária, devido ao fato de que, mesmo inexistindo a autoridade, ela ainda possui uma ligação religiosa, o que é condenado pelos autores libertários em função dos preconceitos existentes nestes modelos. A primeira experiência libertária em essência dentro da educação foi a realizada no Orfanato de Prévost, em Cempuis, liderada por Paul Robin. A experiência de Robin aproxima-se do modelo fourieriano, com as práticas nas oficinas. Modelo este defendido pelos teóricos anteriormente trabalhados. Outra característica dessa experiência foi adotar o modelo da educação integral, dedicando maior parte do tempo dos educandos para prática de esportes e atividades ao ar livre. Mas, indubitavelmente a proposta de educação anarquista mais marcante de todas, é a proposta da Escola Moderna ou Escola Racionalista, proposto e aplicado por Francisco Ferrer. Tal modelo apresenta grande base na experiência de Robin. Entre as propostas de Ferrer apresentam-se a coeducação entre os sexos, a educação integral e a inexistência de castigo. Outra proposta relevante, também baseada no modelo de Robin, é *La Ruche*. Tal orfanato se caracterizava em parte pelo ‘isolacionismo rousseauiano’, pois tentava uma determinada auto-suficiência. Mesmo assim, Sebastian Faure, notava a impossibilidade do isolamento desta experiência, oferecendo serviços para fora da *La Ruche*. *La Ruche* também propunha um modelo autogestionário, isto é, que passava por assembléias dos internos para tomada de decisões sobre *La Ruche*.

Mas sem dúvida, de todas as experiências a mais marcante é a da Escola Moderna que desencadeou um processo de formação de escolas libertárias que foram fundadas por várias partes do mundo. Este movimento pedagógico também chega com força ao Brasil, e houve diversas experiências fundadas neste modelo, que vão de centros de estudos racionalistas, escolas e até universidades. Tais propostas também chegam com força no Rio Grande do Sul, observando-se na bibliografia, duas escolas que funcionaram sobre tal modelo e dois centros, um de estudos em Rio Grande e um pré-ensino racionalista em Porto Alegre.

Assim observamos que a contribuição da pedagogia libertária para a pedagogia em geral, foi significativa, algumas já utilizadas e outras que renderiam discussões bastante frutíferas para a educação. Primeiramente destacamos que algumas propostas, defendidas basicamente pelos anarquistas se encontram nas instituições de ensino de maior parte dos países como, por exemplo, a coeducação entre os sexos. Outra contribuição libertária para as discussões pedagógicas é o questionamento da classificação dentro da escola. Essa discussão se mostra hoje colocada em voga por outras correntes pedagógicas. Também hoje observamos

debates sobre o caráter de uma educação solidária, que hoje, no Brasil, é debatido tanto pelos freireanos, quanto pela crítica social dos conteúdos.

Quanto à bibliografia utilizada observamos que apesar do esforço de alguns historiadores da educação, ainda existe uma vasta lacuna do que pode ser feito na área da História da Educação Libertária. Existem algumas obras gerais sobre o anarquismo, que abordam essa corrente de forma geral. Também observamos que as obras sobre História da Educação trazem abordagens superficiais da pedagogia libertária, pois existe apenas um pequeno número de obras disponíveis abordando a Educação Libertária. E dentro desse pequeno universo, a maior parte das discussões está centralizada nas propostas e nas experiências européias. Apenas uma das obras encontradas por nós discutiu com maior profundidade a educação anarquista, porém, de forma um tanto inicial que busca a necessidade de novas fontes e abordagens.

Contudo apontamos a necessidade de maiores estudos sobre a educação anarquista escolar em outras cidades brasileiras. Também apontamos a necessidade de um maior estudo não apenas das experiências pedagógicas, mas também das idéias pedagógicas que estão publicadas em jornais, revistas e dentre outras fontes.

Em linhas gerais nos propomos a contribuir com as perspectivas de não só fazer uma breve reflexão sobre o pensamento anarquista sobre a educação, mas de abrir novas perspectivas para futuros trabalhos sobre a educação libertária, principalmente enfocando esses estudos de forma mais regional ou segmentada. Tal discussão se faz necessária objetivando a abertura de novas possibilidades para a educação.

BIBLIOGRAFIA

Jornais:

A Evolução. Bagé: 1902.

O Nosso Verbo. Rio Grande: 1919-1922.

Livros:

BAKUNIN, Mikhail. *Educação Integral*.

<http://www.nodo50.org/insurgentes/textos/educa/03integral.htm>. Acessado em: 24/07/2005.

BAKUNIN, Mikhail. *Escritos de Filosofia Política – Vol. 1*. 1ª reimpressão, Alianza Editorial, Madrid: 1990.

BAKUNIN, Mikhail. *Escritos de Filosofia Política – Vol. 2*. 1ª reimpressão, Alianza Editorial, Madrid: 1990.

BAKUNIN, Mikhail. *Textos Anarquistas*. LP&M, Porto Alegre: 1999.

BRASIL, República Federativa. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação*.

http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/LEIS/L9394.htm. Acessado em: 23/05/2005.

BUGUIÈRE, André (Org.). *Dicionário das Ciências Históricas*. Ed. Imago, Rio de Janeiro: 1993.

- CORRÊA, Norma Elisabeth Pereira. *Os Libertários e a Educação no Rio Grande do Sul (1895-1926)*. Dissertação de mestrado apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação de UFRGS, Porto Alegre: 1987.
- DE DECCA, Edgar. *1930 – O Silêncio dos Vencidos: memória, história e revolução*. Brasiliense, São Paulo: 1992.
- DICIONÁRIOS On-Line. <http://www.dicionarios-online.com/index.html>. Acessado em: 09/04/2006.
- DOMMANGET, Maurice. *Os Grandes Socialistas e a Educação*. Publicações Europa-América, Braga: 1974.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio Eletrônico – Século XXI versão 3.0*. Nova Fronteira, São Paulo: 1999. 1CD ROM. Produzido por Lxikon Informática.
- FERRER Y GUARDIA, Francisco. *La Escuela Moderna*.
http://www.antorcha.net/biblioteca_virtual/pedagogia/escuelamoderna/caratula.html. Acessado em: 27/03/2005.
- FERRO, Marc. *A Manipulação da História no Ensino e nos Meios de Comunicação*. IBRASA, São Paulo: 1983.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários a Prática Educativa*. 25ª ed., Paz & Terra, São Paulo, 1996.
- GALLO, Silvio et alli. *Educação Libertária*.
http://www.nodo50.org/insurgentes/biblioteca/educacao_libertaria_varios.pdf. Acessado em: 20/6/2005.
- GALLO, Silvio. *Educação Anarquista: Um paradigma para hoje*. Ed. Unimep, Piracicaba: 1995a.
- GALLO, Silvio. *Pedagogia do Risco: Experiências Anarquistas em Educação*. Papyrus, Campinas: 1995b.
- GALVÃO, Ana Maria de Oliveira & LOPES, Eliane Maria Teixeira. *História da Educação*. Ed. DP&A, Rio de Janeiro: 2001.
- GODWIN, William. *Males de um Ensino Nacional*. In: WOODCOCK, George (Org). *Os Grandes Escritos Anarquistas*. 4ª ed., LP&M, Porto Alegre: 1990.
- GODWIN, William. *Males de um Ensino Nacional*. In: WOODCOCK, 1990, p.248
- LIPIANSKY, Edmond-Marc. *A Pedagogia Libertária*. Ed. Imaginário, São Paulo: 1999.
- LONER, Beatriz Ana. *Classe Operária: Mobilização e Organização em Pelotas: 1888 – 1937*. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFRGS, Porto Alegre: 1999.
- MARÇAL, João Batista. *Os anarquistas no Rio Grande do Sul*. EU/Porto Alegre, Porto Alegre: 1995.
- MINISTÉRIO da Educação. Disponível em: www.mec.gov.br. Acessado em: 31/7/2006.
- PEREIRA, Enio E. E. *Fundamentação da Prática Pedagógica*. Trabalho apresentado para a disciplina de Prática de Ensino em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira II na FURG, Rio Grande: junho de 2004. Texto impresso.
- PROUDHON, Pierre-Joseph. *Textos Escolhidos*. LP&M, Porto Alegre: 1983.
- REICH, Wilhelm. *A Revolução Sexual*. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.
- RODRIGUES, Edgar. *Pequena História da Imprensa Social no Brasil*.
<http://recollectionbooks.com/bleed/ArchiveMirror/ArquivoDeHist%F3riaSocialEdgarRodrigues/PEQUENA%20HIST%20DA%20IMPrensa%20SOCIAL%20NO%20BRASIL.htm>. Acessado em: 20/11/2006.
- ROUSSEAU, Jean Jacques. *Emilio o la Educacion*. www.elaleph.com: 2000. www.educ.ar. Acessado em: 30/12/2005.
- SAVIANI, Dermeval. *Educação: Do Senso Comum À Consciência Filosófica*. 11ª ed., Autores Associados, São Paulo: 1996.
- TAMBARA, Elomar A. C.. *Positivismo e Educação: A educação no Rio Grande do Sul sob o Castilhismo*. Ed. Universitária/UFPEL, Pelotas: 1995.
- TURRA, Clódia Maria Godoy & ENRICONE, Délcia & SANT'ANNA, Flávia Maria & ANDRÉ, Lenir Cancelli. *Planejamento de ensino e avaliação*. 11ª ed., Sagra Luzzatto, Porto Alegre: 1998, págs.: 245-267.
- WIKIPÉDIA. http://pt.wikipedia.org/wiki/P%C3%A1gina_principal.

WOODCOCK, George (Org). *Os Grandes Escritos Anarquistas*. 4ª ed., LP&M, Porto Alegre: 1990.

WOODCOCK, George. *História das Idéias e Movimentos Anarquistas – Vol. 1 – A idéia*. LP&M, Porto Alegre: 2002.

WOODCOCK, George. *História das Idéias e Movimentos Anarquistas – Vol. 2 – O Movimento*. LP&M, Porto Alegre: 2002.